



DIÁRIO DE NOTÍCIAS		COMÉRCIO DO PORTO	
PORTUGAL HOJE		DIÁRIO POPULAR	
CORREIO DA MANHÃ		DIÁRIO DE LISBOA	
DIA	30. JAN. 1980	CAPITAL	
DIÁRIO		TARDE	
A TRIBUNA			
PRIMEIRO DE JANEIRO			
JORNAL DE NOTÍCIAS			

“Financial Times” comenta situação portuguesa

“Arriscado jogo político e económico”

Alguns “perigos” para o actual Governo, entre os quais o de optar por “lutar sozinho” sem usar, como faziam os seus predecessores, “o FMI como escudo com que se defendiam para a introdução de medidas de austeridade impopulares”, eram ontem assinalados pelo “Financial Times”, em crónica do seu correspondente em Lisboa. Para Jimmy Burns este “é um arriscado jogo político e económico que se falhar poderá ter graves repercussões, que estarão à vista nos resultados das próximas eleições de Outubro”.

Analisando a actual conjuntura política e as linhas de acção do Executivo presidido por Sá Carneiro, o jornalista inglês entende, aliás, que o actual Governo está empenhado em “obter consenso político” em vez de “optar pela confrontação”. No seu artigo, intitulado “Uma revolução em retrocesso”, o correspondente do “Financial Times” escreve que esta intenção — detectada nas declarações dos elementos do Executivo —, decorre da

convicção reinante no seio da Aliança Democrática de que, na sua base de apoio, predominam “camadas da população apolíticas e cansadas da instabilidade política e incerteza económica a retardantes da revolução”.

A reforçar esta opinião, Jimmy Burns atribui a opção escolhida pelo VI Governo ao número e influência das forças que defendem a Constituição, a qual, segundo julga, será o principal impedimento oposto à “acção legislativa, em várias áreas do Governo AD”. Aponta a seguir como apostados na defesa da lei fundamental o Presidente da República, o Partido Socialista, “o movimento sindical controlado pelos comunistas” e, natural-

mente, o Conselho da Revolução. Certamente por lapso, ou desconhecimento das repetidas tomadas de posição desse partido, não é mencionado o próprio PC.

No entender do jornalista, as áreas em que esta conjuntura mais dificuldades levantará ao Governo de Sá Carneiro são a económica, em que cita as desnacionalizações, e a agrícola, com os problemas levantados pela chamada Reforma Agrária. Serão, de resto, essas dificuldades que explicam uma suposta imprecisão do Programa do Governo, conclui-se no artigo do “Financial Times”, escrevendo-se inclusivamente: “Mesmo o voluntarioso dr. Sá Carneiro

sabe que uma maioria de seis deputados numa assembleia de 250 não é suficiente para os derrotar a todos, pelo menos para já”.

Finalmente, Jimmy Burns refere “desequilíbrios” entre o Primeiro-Ministro e o general Ramalho Eanes, campo em que destaca o exclusivo, pretendido pelo Governo, quanto a si, da iniciativa no capítulo da política externa. Segundo se escreve a seguir, Sá Carneiro considera que os enviados especiais do Presidente da República “gastaram o seu

tempo não com a NATO e a CEE, mas sim a trocaram mensagens de boa-vontade com os dirigentes marxistas

das antigas colónias portuguesas”.

Também neste plano, o correspondente em Lisboa daquele diário de grande expansão em Inglaterra menciona ainda as fricções provocadas pelas nomeações de embaixadores já anunciadas, situando em primeiro lugar a tentativa de afastamento de Maria de Lurdes Pintassilgo da UNESCO. Apesar de não se saber, por enquanto, qual o teor da proposta apresentada por Freitas do Amaral ao Primeiro-Ministro — e que se sabe ter sido aprovada por este e pelo Governo —, está a gerar-se um clima emocional à volta deste “caso”, quando não há dúvida de que está em causa um lugar político, de representação nacional, anda por cima sujeito como tal a qualquer Governo que esteja em funções.